

## **Jornadas de Solidariedade com a Palestina – 2011**

### **Sessão Comemorativa do Dia Internacional de Solidariedade com o Povo da Palestina**

**29 de Novembro de 2011**

#### **Intervenção de Silas Cerqueira (\*)**

Saúdo todos os presentes e distingo o Sr. Embaixador da Autoridade Palestina e a Sr<sup>a</sup>. Embaixadora da Argélia. São os dois embaixadores que temos connosco e é importante aqui estarem connosco.

Sendo um dos fundadores do Movimento, do MPPM, e Coordenador Geral na sua primeira fase, a esse título permito-me dizer que desejaria ver esta sala cheia. Mas, tal como está, ainda bem para reflectirmos sobre as razões da nossa presença e a nossa actividade no futuro.

Quando fundámos o MPPM discutimos se seria “Movimento Português pelos Direitos do Povo Palestino”, como tantos outros similares, ou se seria mais alguma coisa. Fui um daqueles que insistiram em tornarmos “Movimento pelos Direitos do Povo Palestino e pela Paz no Médio Oriente”. Assim ficou MPPM - pela Paz no Médio Oriente.

#### ***1. A Questão palestina e a Causa da Paz no Médio Oriente***

Os acontecimentos que estamos a viver nestes dias justificam tal opção. Mais do que nunca a causa da paz no Médio Oriente - paz que não existe, nem está em curso, antes cada vez mais violada e ameaçada - aparece intimamente ligada à causa dos direitos do povo palestino, da sua autodeterminação e independência. E vice-versa. Não haverá paz no Médio Oriente e, daí, também não haverá paz na Europa e no mundo, enquanto a questão da Palestina, a libertação do povo palestino, não estiverem asseguradas como causa central da paz e independência dos povos.

Entretanto, neste ultimo trimestre de 2011, na região do Médio Oriente, continuam a suceder-se acontecimentos que dizem directamente respeito à causa do povo palestino pela independência, a democracia e a paz, - causa que é também a nossa.

No dia 23 de Outubro foram eleições na Tunísia, Outrora berço da direcção da OLP e da Al-Fatah com a presença de Yasser Arafat. Aí o visitei, como noutros locais.

No dia 19 de Novembro de 2011 - 29 é o Dia Internacional de solidariedade proclamado pela ONU - a Liga Árabe lançou um ultimato contra a Síria. No entanto a Síria é um dos principais baluartes da causa da Palestina no Médio Oriente. Só Israel pode beneficiar de tais ultimatoss.

Finalmente nestes mesmos dias decorrem eleições no mais importante dos países árabes, o Egipto – que foi sob Nasser vanguarda da causa árabe. Eleições precedidas de manifestações populares na já famosa Praça Tahrir, reprimidas com sangue. As massas populares aí reunidas sentiam não haver condições para eleições não influenciadas, nem condicionadas, genuinamente livres, depois do movimento popular democrático revolucionário que introduziu tão profunda alteração na vida política do Egipto. Tudo isto está ligado à causa da Palestina e reciprocamente.

Porque, quando o levantamento popular no Egipto derrubou o poder de Mubarak, logo aí se sentiram algumas melhorias e alguns benefícios para a causa do povo palestino, na passagem da fronteira do Egipto, no apoio a Gaza, e noutros aspectos. Logo aí se sentiram mudanças.

## ***2. Que perspectivas atuam para a causa da Palestina? Submissão? Ou Soberania e Independência? Guerra ou Paz?***

Há que referir a capacidade política do Presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas quando lançou uma iniciativa que tem o condão de irritar os EUA e outros países ocidentais. Mas continua a fazer sentir os seus efeitos e põe mais uma vez no seio da agenda internacional a questão do reconhecimento do direito do povo palestino a constituir-se como Estado, e a autodeterminar-se como Estado no seio das Nações Unidas. Não sabemos ainda o resultado final dessa *démarche*, mas sabemos que o seu alcance político e diplomático é, sem dúvida, real e significativo.

Por outro lado, a Autoridade Palestina ganhou o direito a ser membro pleno da UNESCO. Isso é importantíssimo. Foi uma grande vitória diplomática em relação à qual, aliás, Portugal vergonhosamente se absteve, quando devia, sem qualquer hesitação ter votado a favor.

Isso também marca a agenda da Autoridade Palestina, a sua actividade no exterior e a sua recusa a ser confinada a um papel subserviente, a um papel de dependência de Israel, em negociações que são contrariadas e falseadas pelos colonatos israelitas nos territórios palestinos ocupados na margem ocidental do Jordão, colonatos que não cessam e continuam sem quaisquer sanções. Continua-se a negar o direito do povo palestino à sua terra, à sua liberdade, à sua soberania.

Foram e são iniciativas importantes da Autoridade Palestina. Identicamente importa saudar o facto de a Autoridade do Hamas, em Gaza, ter conseguido no contexto da chamada “primavera árabe”, obrigar os israelitas a negociarem a libertação de muitas centenas de presos palestinos, às vezes presos durante dez, quinze, vinte anos, em troca daquele militar israelita detido e bem tratado pelo Hamas, na Faixa de Gaza.

São iniciativas marcantes, que devem ajudar a desenvolver a nossa acção de solidariedade.

**Agora, se me permitem acrescentarei a questão fundamental: será que neste contexto vamos poder ver, brevemente, a independência real de um autêntico Estado da Palestina, com Jerusalém como sua capital? Não encaro com optimismo a situação actual.**

Vejo antes com muita preocupação. Porque depois da mudança radical que se operou nas relações internacionais, há uma vintena de anos ou pouco mais, o que é que temos visto?

A coexistência pacífica nas relações internacionais acabou, não como ideal, mas como prática nas relações internacionais. E assim tivemos sucessivas guerras e agressões, de crescente gravidade, a primeira das quais foi contra a ex-Jugoslávia e depois contra o Iraque - um milhão e meio de mortos, onde continua uma ocupação e uma guerra não declaradas - e contra o Afeganistão.

E, quando nos manifestamos contra essas agressões, nomeadamente no que se refere ao Afeganistão, quer isto dizer que partilhamos a ideologia ou a política das forças do Afeganistão que resistem com êxito à ocupação estrangeira? Não, não partilhamos. Esse não é o nosso paradigma. De acordo com os nossos princípios, que são os da Carta da ONU e da Constituição Portuguesa, não favorecemos nem apoiamos,

antes nos opomos, a guerras de agressão sucessivas e invasões estrangeiras, nas quais Portugal participou no Afeganistão a pretexto de sermos membros da NATO. Isto é grave.

### **3. As novas guerras**

Muito menos a última e gravíssima guerra - que foi a da agressão e invasão da Líbia. Aí estive no passado mês de Maio, sob as bombas da NATO, dos EUA, e da França e da Inglaterra, - estas duas as antigas potências coloniais. Agora procuram a sua revanche, recuperar um colonialismo condenado pela História e que só pode trazer infelicidade e desgraças para os povos, o povo líbio e também o povo inglês e francês.

Foi a guerra da aviação, dos mísseis - diziam os patriotas líbios em Trípoli: “como não nos rendemos querem-nos destruir”. E agora o que é que aparece na imprensa ocidental? As empresas ocidentais estão muito interessadas na Líbia, - não só pelo petróleo, já há uma repartição das zonas petrolíferas, - mas pela possibilidade de investir e fazer lucros com a reconstrução. Cito: “a reconstrução do Iraque acabou, mas agora há, felizmente nesta crise económica, a possibilidade de investir na Líbia para reconstruir tudo aquilo que foi destruído”.

E, entretanto, a que é que assistimos nestes dias? Quando parecem preparar-se e criarem-se as “condições” para uma agressão sem precedentes à Síria, - país central e estratégico, com fronteiras com cinco estados do Médio Oriente - já dos novos “responsáveis” da Líbia, aparecem “ofertas” de enviar armas e “voluntários” para colaborarem com aqueles que na Síria apelam, à imagem da Líbia, à intervenção ocidental, a bombardeamentos aéreos ocidentais, sempre com os mesmos pretextos.

Pois, entretanto, introduziu-se - e isto importa sublinhar - na terminologia e nos conceitos das Nações Unidas, **mas contra os seus estatutos**, um novo conceito não estatutário que viola o Direito Internacional. Tem sido invocado pela Sr.<sup>a</sup> Clinton, pelo Presidente Obama e por muitos mais. É aquilo a que eles chamam em inglês “*RTOP*”, são as iniciais de *Responsibility to Protect*. É este o novo modelo, e qual é?

Nos tempos do colonialismo em África, os nossos antepassados intervinham, para “salvar as almas” dos negros africanos, para os converter ao cristianismo à força, e à submissão ao tráfico de escravos. Mas nesta época do século XXI, este novo conceito, este *Responsibility to Protect* quer dizer o quê? Quer dizer que as Nações Unidas - embora isso não esteja assegurado por nenhum código de Direito Internacional - teriam a responsabilidade de intervir militarmente para “proteger” populações civis que são consideradas sob a “ameaça” dos seus governos.

Começa-se por uma campanha falsa, aumentando o número de civis vítimas de um **conflito interno**, e depois então vem-se com a argumentação “vamos salvar os civis do seu próprio governo”. Assim foi “justificada” a intervenção na Líbia e é assim que se tenta preparar uma intervenção na Síria, de gravíssimas consequências para toda a região e para a paz no Médio Oriente.

∴

Enfrentamos pois esta situação. O que digo aqui pode ser delicado para os Senhores Embaixadores presentes. Mas estamos numa Sessão que se deseja ser também uma reunião de trabalho, para reflectir sobre o futuro da actividade do MPPM e mais - o futuro da Palestina.

Desde logo devo dizer que importa efectivamente desenvolvermos as relações internacionais do MPPM e, ao mesmo tempo, aumentarmos a nossa capacidade de mobilização interna nas iniciativas que promovemos.

Repito, neste contexto e apesar dos êxitos da diplomacia da Palestina, não vejo uma perspectiva, a curto prazo, nem talvez mesmo a médio prazo, de que seja finalmente alcançada a independência real e efectiva da Palestina e do seu povo heróico, porque **é um povo de heróis**.

Então, qual é a nossa perspectiva no imediato? Quer isto dizer que devemos diminuir ou abandonar a nossa intervenção pela Palestina? Não, pelo contrário, e isso foi dito por nós desde a fundação do MPPM:

O objectivo último dos colonos israelitas, do seu governo de colonos, um governo colonialista, um governo racista, o seu objectivo último é **liquidar o povo da Palestina**. Se não liquidá-lo no sentido físico, como certas forças em Israel desejam, então fazê-lo sair da Palestina, como povo. Continuar a reprimir, continuar a oprimir, continuar a sujeitar o povo da Palestina à miséria, e à fome de tal modo que ele vá saindo da Palestina, como teve de sair no início da fundação do Estado de Israel, logo no início da Nakba, a “catástrofe”.

Ora daí a nossa solidariedade, as nossas campanhas, aquela campanha do BDS, Boicote, Desinvestimento e Sanções, e outras campanhas vitais para preservar as vidas, a existência do povo da Palestina hoje, e até amanhã o seu futuro livre e independente.

De uma coisa tenho a certeza absoluta e temos todos nós. **É que um dia o povo da Palestina vencerá**, um dia o povo da Palestina conquistará a sua independência, um dia o povo da Palestina finalmente terá em paz a sua liberdade e a sua felicidade.

---

*(\*) Silas Cerqueira é membro fundador do MPPM e seu Secretário para as Relações Internacionais. Nalgumas passagens o texto foi resumido. Os subtítulos atuam são uma opção do autor.*